



si Zeus e Hélio, cujas vacas seus companheiros haviam matado. Todos estes pereceram nas ondas do mar encapelado; ele porém, vogando sobre a quilha da nau, foi lançado pelas vagas à costa, à terra dos Féaces, semelhantes aos deuses. Estes acolheram-no com extremos de solicitude, honraram-no como a um deus, presentearam-no com toda a sorte de dádivas e queriam reconduzi-lo, são e salvo, à pátria. Há muito que Ulisses podia estar aqui; mas achou ser preferível primeiro correr mundo em busca de riquezas: porque em astúcia, supera ele todos os mortais, não havendo quem possa competir com ele. Isto o que me contou Fídon, rei dos Tesprotos, e, fazendo libações em seu palácio, sob juramento me declarou que uma nau havia sido lançada ao mar, e que estavam prontos os marinheiros que deviam reconduzi-lo à terra de seus pais. Mas, antes disso, ordenou-me que partisse, pois casualmente estava de largada uma nau para Dulíquio, fértil em trigo. Mostrou-me todas as riquezas que Ulisses amontoara, as quais eram bastantes para sustentar uma família até à décima geração: tantos eram os tesouros acumulados no palácio do príncipe. Disse-me ainda que Ulisses fora a Dodona, para aí ouvir a voz divina de Zeus, emitida pelo roble de alta ramaria, e dele saber a maneira de, após sua longa ausência, regressar à terra pátria: se às claras, se às ocultas. Assim, Ulisses está salvo e não tardará em chegar, e não permanecerá, por longo tempo, separado dos amigos e da pátria. Digo-to sob juramento. Sejam testemunhas de quanto afirmo, primeiramente, Zeus, deus supremo e todo poderoso, e, em seguida, o lar do irrepreensível Ulisses, onde agora estou. Sim, tudo se cumprirá, como digo. Ulisses chegará aqui ainda este ano, quando terminar este mês, e principiar o outro”.

Respondeu-lhe Penélope, a mais cordata das mulheres: “Estrangeiro, oxalá tuas palavras se cumpram! Em breve conhecerias minha amizade e receberias de mim tantos presentes, que quantos te encontrassem invejariam tua sorte. Mas meu coração pressente o que vai acontecer: Ulisses não mais voltará a esta casa, e tu não encontrarás meio de que te levem à terra pátria; pois os que nesta casa mandam estão bem longe de ser aquilo que Ulisses foi mais que ninguém, para os homens: sempre disposto a reconduzir e a acolher os respeitáveis hóspedes. Mas, escravas, lavai este homem, preparai-lhe um leito com colchas, mantos e brilhantes cobertas, para que ele durma, bem quente, até que raie a Aurora de áureo trono. Amanhã, ao despontar do dia, banhai-o, perfumai-o, para que, sentado junto de Telêmaco na sala, tome a refeição. Ai do conviva que, sem coração e sem entranhas, se lembrar de te maltratar! Irrite-se ele muito embora, não mais voltará a praticar aqui insolências. Como conhecerias tu, estrangeiro, que sou superior a outras mulheres em sensatez e prudência, se consentisse em que na sala tomasses parte do banquete, assim tão sujo e mal vestido? Curta é a vida humana. Quem é cruel e só pensa em barbaridades, todos os mortais o amaldiçoam em vida e, após a morte, todos se alegram. Mas, o nome de quem vive sem mácula, e só cura de praticar ações irrepreensíveis, é espalhado ao longe, entre os homens, pelos estrangeiros, e muitos o apreçoam como pessoa de bem”.

O industrioso Ulisses lhe respondeu: “Digna esposa de Ulisses, filho de Laertes, de-testo os mantos e as brilhantes colchas, desde que deixei os nevados montes de Creta em minha nau de compridos remos. Deitar-me-ei como antes, quando passava as noites sem dormir, pois muitas vezes repousei sobre sórdida enxerga, aguardando a divina Aurora de áureo trono. Lavar os pés é coisa que me não dá prazer; nenhuma das escravas, que a teu serviço estão neste palácio, tocará em meus pés, a não ser alguma velha discreta e reservada, que em seu coração tenha sofrido tanto como eu; se alguma há nestas condições, não me oponho a que toque em meus pés”.

Penélope, a mais cordata das mulheres, replicou: “Caro estrangeiro, a muitos hóspedes

des queridos tenho recebido em minha casa, vindos de longínquas regiões; nenhum porém, se revelou tão cordato como tu, cujas palavras denotam prudência e reflexão. Tenho uma velha escrava, muito circunspecta; foi ela que alimentou e criou aquele infeliz, ela que o recebeu em seus braços, quando a mãe o deu à luz; ela te lavará os pés, se bem que já se sinta muito enfraquecida. Vamos, prudente Euricléia, levanta-te e lava este varão: tem ele a mesma idade que teu amo e sem dúvida os pés e as mãos de Ulisses serão semelhantes aos dele, porque na desgraça os homens depressa envelhecem”.

Assim falou; e a velha escrava, ocultando o rosto com as mãos, chorou ardentes lágrimas e disse com voz plangente: “Ai, meu filho,¹⁷³ nada posso fazer por ti! Mais do que a nenhum outro homem Zeus te detesta, não obstante seres tão temente aos deuses. E nunca mortal algum queimou ainda, em honra de Zeus, que se compraz no raio, tantas pingues coxas, tantas seletas hecatombes, como as que tu lhe ofereceste, suplicando-lhe a graça de chegar a uma velhice feliz e de criar um filho ilustre. E só a ti ele negou o dia do regresso! Quem sabe? Talvez, quando ele chegava à esplêndida morada de algum amigo, em terra estranha, as escravas da casa mofassem de Ulisses, como agora aqui mofam de ti todas estas cadelas. E não queres que elas te dêem banho, justamente para te subtraíres a seus insultos e ultrajes. Mas eu sinto-me feliz em cumprir a ordem que me deu a filha de Icário, a prudente Penélope. Vou lavar-te os pés, em atenção a ela e a ti, pois meu coração se sente imensamente comovido por dolorosos pensamentos. Escuta o que vou dizer: muitos estrangeiros, perseguidos pelo infortúnio, aqui têm chegado; mas digo-te que ainda não vi nenhum que tanto se parecesse com Ulisses, como tu, na estatura, na voz e nos pés”.

O industrioso Ulisses, tomando a palavra, lhe disse: “Anciã, todos os que, com seus olhos, nos têm visto a nós dois, afirmam que em tudo nos parecemos, como declaras”.

Disse; e a velha, tendo tomado uma bacia brilhante, de que costumava servir-se para os banhos de pés, nela derramou grande porção de água fria, a que juntou depois água quente. Entretanto Ulisses sentou-se longe da lareira, mas deu-se pressa em voltar-se para a escuridão, por lhe ter acudido ao espírito o receio de que Euricléia, ao tocar-lhe nos pés, reparasse na cicatriz e tudo se viesse a descobrir.

Então Euricléia, acercando-se do amo, lhe deu banho, mas, súbito, reconheceu a cicatriz, que outrora um javali lhe fizera com sua alva defesa, quando ele fora ao Parnaso visitar Autólico e seus filhos. Autólico era o ilustre genitor de sua mãe,¹⁷⁴ e a todos se avantajava em pirataria¹⁷⁵ e perjúrio. O deus Hermes lhe outorgara esta superioridade, porque Autólico queimava em sua honra as engodativas coxas de anhos e cabritos, e o deus, que o amava, era seu companheiro fiel. Outrora, Autólico, tendo vindo à opulenta terra de Ítaca, encontrou uma criança que sua filha dera recentemente à luz. Quando ele terminara de ceiar, Euricléia pôs-lhe a criança sobre os joelhos e, dirigindo-lhe a palavra, assim falou: “Autólico, cabe a ti agora encontrar o nome que gostariam de dar ao filho de tua filha, há tanto tempo esperado”.

Autólico replicou: “Meu genro e tu, minha filha, dai-lhe o nome que vou dizer. Chego

¹⁷³ “Meu filho”. Euricléia dirige-se a Ulisses, que julga estar morto, e não ao mendigo, que ela não suspeita ser seu amo.

¹⁷⁴ Esta narrativa, que constitui uma longa digressão, interrompe uma cena patética, e parece ser interpolada.

¹⁷⁵ Autólico que “a todos se avantajava em pirataria e perjúrio”. Apesar da opinião contrária de V. Bérard, não se deve ver aqui uma ironia, mas sim um elogio. Assim o entendia Platão, e na *República* (I, 8, 334 b) tira daí argumento contra Homero.

aqui, enfurecido contra muitos homens e mulheres que topei na terra nutrícia, raça de gente verdadeiramente odiosa:¹⁷⁶ por isso a criança deve ter por nome Odisseu. Quando for crescido e vier ao Parnaso, ao vasto palácio materno, onde tenho meus tesouros, dar-lhe-ei parte dele, de sorte que regresse satisfeito de minha generosidade”.

Por tal motivo, Ulisses foi àquela região, a fim de receber presentes magníficos. Autólico e seus filhos o acolheram pressurosos, com abraços e melífluas palavras; sua avó Anfitéia abraçou-o e lhe beijou a cabeça e os belos olhos. Autólico deu ordem a seus nobres filhos que preparassem o banquete, e eles, cumprindo a ordem, trouxeram logo um boi de cinco anos, que esfolaram; e, depois de o terem preparado, totalmente o retalharam, com habilidade o trincharam e, tendo enfiado os pedaços em espetos, os assaram com cuidado e, em seguida, distribuíram as porções. Banquetearam-se durante o dia inteiro até ao pôr-do-sol, tendo cada um parte igual à dos outros, de sorte que ninguém se queixasse. Quando o sol baixou ao ocaso e sobreveio o crepúsculo, foram para o leito gozar a agradável dádiva do sono. Quando surgiu a madrugada Aurora de róseos dedos, os filhos de Autólico partiram para a caça e entre eles ia o divino Ulisses com os cães. Subiram a escarpada montanha do Parnaso de flancos arborizados, e não tardaram em penetrar nos barrancos onde sopra o vento. O sol, tendo-se erguido das tranqüilas profundidades do tranqüilo Oceano, iluminava já com seus raios os campos, quando os caçadores penetraram num vale. À frente, iam os cães, farejando a caça; atrás, seguiam os filhos de Autólico, e, entre eles, perto dos cães, o divino Ulisses, brandindo comprida lança. Estava ali deitado um enorme javali, numa espessa moita, tão cerrada, e tão juncada de folhas, que nem o sopro úmido dos impetuosos ventos ali entrava, nem os raios do sol a atravessavam, nem a chuva conseguia infiltrar-se. Ouvia a fera o ruído de passos dos caçadores e dos cães, que se aproximavam. Saiu da moita, com as cerdas eriçadas, os olhos chispando fogo, e conservou-se imóvel diante deles, a pouca distância. Ulisses foi quem primeiro, erguendo com a robusta mão a comprida lança, investiu contra o animal, para o matar; mas o javali, antecipando-se, e atacando de viés, feriu-o acima do joelho e, cravando a defesa, arrancou-lhe um pedaço de carne, sem todavia alcançar o osso. Entretanto, Ulisses não errara o golpe: feriu-o na espádua direita, atravessando-a com a ponta da brilhante lança, de sorte que o javali, grunhindo, caiu estendido no chão, e a vida lhe voou do corpo.

Então os filhos de Autólico se apressaram em socorrer o irrepreensível Ulisses, semelhante a um deus, atando-lhe com habilidade a ferida e detendo o negro sangue, ao mesmo tempo que proferiam palavras mágicas. E, sem tardar, voltaram para o palácio paterno. Autólico e seus filhos, depois de terem cuidado de Ulisses, brindaram-no com magníficos presentes, que ele recebeu com alegria, e apressaram-se a reenviá-lo para Ítaca, sua pátria. O pai e a venerável mãe alegraram-se com o regresso do filho, e quiseram ser informados de todos os pormenores, relativos ao acidente e à cicatriz. Ele contou-lhes como, durante a caçada, um javali o ferira com sua alva defesa, no Parnaso, aonde fora acompanhado pelos filhos de Autólico.

A velha, que tomara na palma da mão a perna de Ulisses, ao apalpá-la, reconheceu

¹⁷⁶ “Raça de gente verdadeiramente odiosa: por isso a criança deve ter por nome *Odisseu*”. Esta tradução procura mostrar o jogo de palavras formado sobre *odyssámenos* (tendo-me irritado) — que talvez tenha algum parentesco com o latim “odisse”, odiar, — e Odisseu, nome grego de Ulisses. Segundo esta etimologia, mais veneranda que segura, Odisseu seria “aquele que odeia”; V. Bérard, para tornar sensível o jogo de palavras, imaginou “ulcerado” e “Ulisses”. Parece ser preferível conservar aqui a forma grega do nome, uma vez que o poeta se propõe dar uma explicação dela.

a cicatriz; largou o pé, que caiu dentro da bacia, o bronze ecoou, o vaso oscilou e a água entornou-se pelo solo. Então, seu coração, a um tempo, foi tomado de tristeza e de alegria, os olhos se lhe encheram de lágrimas, a voz se lhe tolheu na garganta. E, tocando no queixo de Ulisses, disse: “Sem dúvida, tu és Ulisses, meu filho querido! E eu não te reconheci! Foi preciso primeiro ter tocado no corpo de meu amo!”

Disse, e ergueu os olhos para Penélope, querendo preveni-la que seu marido estava ali, em casa. Mas Penélope nada reparou nem percebeu, porque Atena lhe desviara a atenção. Entanto, Ulisses com a mão direita agarrou a ama pela garganta, e com a esquerda atraiu-a a si e lhe disse: “Velha ama, não me queiras deitar a perder. Tu me criaste e me trouxeste ao seio. Hoje, depois de tantos sofrimentos, regresssei enfim, volvidos vinte anos, à terra pátria. Já que me reconheceste e um deus te fez descobrir a verdade, cala-te, e que em palácio ninguém o saiba. Porque, eu te declaro — e não serão baldadas minhas palavras — se um deus fizer que os nobres pretendentes sucumbam a meus golpes, quando, em meu palácio, matar as outras escravas, não te pouparei, muito embora hajas sido minha ama”. A prudente Euricléia lhe respondeu: “Meu filho, que palavra te escapou da barreira dos dentes! Sabes, no entanto, quanto meu coração é firme e inabalável; serei como a dura rocha, como o ferro. Mas uma coisa te quero dizer: grava-a em teu espírito. Se um deus fizer que teus golpes prostrem os nobres pretendentes, indicar-te-ei quais as mulheres que em teu palácio te desprezam e quais as que te respeitam”.

O industrioso Ulisses lhe replicou: “Velha ama, para que indicar-mas? Não é preciso. Por mim próprio as observarei e avaliarei o que vale cada uma delas. Agora, guarda silêncio, nem uma palavra, e confia nos deuses”. Disse; e a velha atravessou o palácio a fim de buscar água para novo banho, porque a primeira entornara-se toda. Depois de ela ter lavado e ungido o amo com óleo pingue, Ulisses puxou novamente a cadeira para junto do lume, para se aquecer, e cobriu a cicatriz com os farrapos.

Entanto, Penélope, a mais cordata das mulheres, tomou a palavra: “Estrangeiro, quero ainda fazer-te umas perguntas, pois que, breve, chegará o momento do agradável repouso, mesmo para aquele que, torturado de aflições, pode ainda ser empolgado pelo agradável sono. Quanto a mim, a divindade me aquinhoou com uma dor sem limites: durante o dia, comprazo-me em chorar, em gemer, enquanto, no palácio, cuido de minha tarefa e do trabalho das escravas; depois, quando chega a noite e todos se recolhem a dormir, estendo-me no leito, com o coração oprimido de pungentes preocupações, e choro. Do mesmo modo que a verde Aédon, filha de Pandareu,¹⁷⁷ ao voltar a primavera, entoou melodioso canto, oculta na espessa folhagem das árvores e, em rápidas modulações, trina variados acordes, carpindo seu filho Ítalo, que, um dia, Zeto, seu progenitor, num acesso de loucura, matara com o bronze; assim meu coração se sente dilacerado, agitado por pensamentos contrários, hesitante entre permanecer junto de meu filho e tudo salvar, meus bens, minhas escravas, e a vasta morada de teto alto, em atenção ao leito conjugal e à voz do povo, ou seguir um dos Aqueus que me pretendem, escolhendo o melhor e que me ofereça inumeráveis dádivas. Enquanto meu filho era criança e falho de reflexão, não podia casar-me nem abandonar o lar conjugal; mas agora que é crescido e quase na idade viril, ele próprio insiste em que eu saia de casa, indignado por ver que os Aqueus lhe devoram o patrimônio. Mas, ouve, explica-me este sonho que tive. Em minha casa, vinte gansos comiam trigo, que extraíam da água, e eu sentia prazer em contemplá-los; eis senão quando uma águia de adunco bico, precipitando-se desde o alto

Esta variação poética sobre o rouxinol, alheia ao assunto, não condizendo com o tom que convém a Penélope, e visivelmente interpolada, inspirou a Vergílio uma imitação célebre (*Geórgicas*, IV, 511-515).

da montanha, lhes quebrou o pescoço e os matou. Vi-os, depois, jazendo por terra amontoados, enquanto a águia tornou a subir no divino éter. Durante o sonho, eu chorava e gemia; em redor de mim se congregavam as Aquéias de belas tranças, atraídas por meus lamentáveis gritos, por a águia ter morto meus gansos. Mas ela, sobrevivendo novamente, pousou na beira do teto e tentou acalmar-me com voz humana: 'Tranqüiliza-te, filha do ilustre Icário. Isto não é um sonho, mas a visão certa do que será realidade. Os gansos são os pretendentes; eu, que há pouco, era águia, agora sou o teu esposo, que regressou, e infligirei a todos os pretendentes ignominiosa morte'. Assim disse, e o agradável sono me abandonou. Apressei-me a ir ver os patos do palácio: lá estavam todos, comendo grãos de trigo junto da selha, como de costume".

O industrioso Ulisses lhe respondeu: "Mulher, o sentido é óbvio, nem vale a pena buscar outra interpretação. O próprio Ulisses te indicou a maneira de cumprir o sonho: os pretendentes terão ruína certa e nenhum escapará à morte e às Queres".

Penélope, a mais cordata das mulheres, lhe respondeu: "Estrangeiro, não é fácil interpretar os sonhos, nem discernir-lhes o sentido; nem tudo quanto eles anunciam aos homens chega a realizar-se. Duas são as portas¹⁷⁸ dos inconsistentes sonhos: uma feita de corno, outro de marfim. Quando os sonhos vêm pela porta de marfim serrado, são palavras enganadoras, em que não podemos acreditar; mas quando vêm pela porta de corno polido, geram, em quem os vê, a certeza. Pois bem! Não creio que meu estranho sono tenha passado por esta última porta: grande seria a alegria para mim e para meu filho. Outra coisa te vou dizer que gravarás no espírito. Eis que se aproxima a Aurora de infortúnio que me afastará da casa de Ulisses; pois estou na intenção de propor um certame, o certame dos machados, que Ulisses, em seu palácio, alinhava, em número de doze, como se fossem estais de uma nau; depois, a boa distância, enviava uma seta através deles. Quero agora impor este certame aos pretendentes: àquele que em suas mãos retesar mais facilmente o arco, e cuja flecha atravessar os doze machados, a esse seguirei, abandonando este lar da minha juventude, tão belo, tão abastado, que, julgo, nunca hei de esquecer, nem sequer em sonhos". O industrioso Ulisses lhe respondeu: "Digna esposa de Ulisses, filho de Laertes, não tardes em abrir esse concurso em teu palácio, porque o circunspeto Ulisses chegará aqui antes que esses homens, manejando o arco polido, tenham retesado a corda e atravessado os machados com a flecha".

Replicou-lhe Penélope, a mais cordata das mulheres: "Estrangeiro, se quisesse permanecer sentado junto de mim, e continuar deleitando-me como até agora, o sono não se derramaria sobre minhas pálpebras. Mas é impossível aos homens subtrair-se ao sono, porque a todos os mortais sobre a terra fecunda, os deuses impuseram leis que lhes regulam a vida. Portanto, vou subir ao andar superior e deitar-me no leito, autêntico leito de dor, sempre regado de minhas lágrimas, desde que Ulisses embarcou, rumo à maldita Ílion, de nome execrando. Possa eu nele repousar! Tu deita-te aqui mesmo: arma tua cama no chão, ou deixa que os escravos a preparem".

Tendo assim falado, subiu a seu esplêndido aposento, no andar superior, acompanhada pelas escravas. Quando lá chegou com as mulheres, chorou por Ulisses, seu esposo bem-amado, até ao momento em que Atena de olhos brilhantes lhe derramou nas pálpebras o mais agradável dos sonhos.

¹⁷⁸ Exemplo notório dos jogos vocabulares, em que os Gregos se compraziam e que nos parecem pueris: *elefas* — marfim, *elefáitromai* — enganar, *keras* — chifre, *kráinein* — realizar. Procuramos dar uma idéia do trocadilho na tradução. V. Bérard imaginou: *ivoire . . . ivraie, corne . . . corner*.